



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ANA RAQUEL ROLIM PASSOS

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA BIBLIOTECA ITINERANTE DO  
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JÚLIO  
BANDEIRA EM CAJAZEIRAS PB**

CAJAZEIRAS PB

2018

ANA RAQUEL ROLIM PASSOS

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA BIBLIOTECA ITINERANTE DO  
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JÚLIO  
BANDEIRA EM CAJAZEIRAS PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras PB, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral

CAJAZEIRAS PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

P289a Passos, Ana Raquel Rolim.  
A atuação do pedagogo na biblioteca itinerante do Hospital  
Universitário Júlio Bandeira em Cajazeiras PB / Ana Raquel Rolim  
Passos. - Cajazeiras, 2018.  
54f.: il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2018.

1. Leitura. 2. Biblioteca itinerante. 3. Criança hospitalizada. I. Amaral,  
Maria Gerlaine Belchio. II. Universidade Federal de Campina Grande. III.  
Centro de Formação de Professores. IV. Título.

ANA RAQUEL ROLIM PASSOS

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA BIBLIOTECA ITINERANTE DO  
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JÚLIO  
BANDEIRA EM CAJAZEIRAS PB**

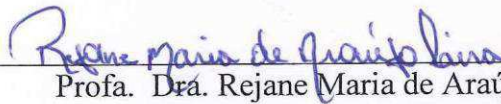
Aprovada em 28 / 02 / 2018

**Banca examinadora**



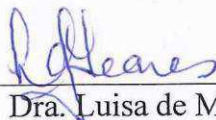
---

Prof. Dra. Maria Gerlaine Belchior Amaral  
Orientadora - UAE/CFP/UFCG



---

Prof. Dra. Rejane Maria de Araújo Lira  
Membro Titular - UAE/CFP/UFCG



---

Prof. Dra. Luisa de Marillac Soares Ramos  
Membro Titular - UAE/CFP/UFCG

CAJAZEIRAS PB  
2018

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me concedido a graça de superar todos os obstáculos e chegar ao fim dessa longa e árdua jornada. Aos meus pais e familiares que contribuíram tanto de forma direta quanto de forma indireta para minha formação.

## **AGRADECIMENTOS**

À Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a superação de todos os obstáculos que surgiram no decorrer do curso e por ter colocado do meu caminho tantas pessoas maravilhosas que participaram e contribuíram de alguma forma para a construção e concretização deste trabalho.

À toda minha família tanto aqueles que contribuíram de forma direta quanto indireta, aos que estiveram sempre presentes e aos que mesmo distante sempre torceram para que tudo desse certo.

Aos docentes da Unidade Acadêmica de Educação e das demais Unidades os quais contribuíram não só na formação de âmbito profissional, mas também no âmbito pessoal, em especial, a Professora Doutora Maria Gerlaine Belchior Amaral, orientadora deste trabalho pelo empenho e dedicação nas orientações.

À toda equipe do Hospital Universitário Júlio Bandeira (HUJB) que sempre nos recepcionaram com muita solicitude e a todas as colegas integrantes do Projeto, em que tive a oportunidade de participar em duas vigências consecutivas.

Aos membros da banca examinadora, por aceitarem o convite e por fazerem parte desse momento único e tão relevante.

Enfim, agradeço imensamente a todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho fosse realizado com êxito.

*Quando damos ao usuário o poder de através da leitura transportar-se para outro contexto e durante o tempo que perdurar a leitura, se afastar do pensamento da doença, seu tratamento e confinamento hospitalar. A leitura neste caso tem a finalidade de entreter, minimizar estresses, trazer conhecimentos, fomentar a dignidade, a cidadania com base na humanização hospitalar.*

(GUIA, 2013, p.1)

## RESUMO

O objeto de estudo desta pesquisa foi a prática da leitura no contexto Hospitalar. Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) norteou-se pelo seguinte questionamento: como o trabalho pedagógico desenvolvido com a leitura a partir da biblioteca itinerante do Hospital Universitário Júlio Bandeira (HUJB) pode contribuir com o desenvolvimento de crianças e adolescentes hospitalizados? Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar as contribuições da leitura para a criança hospitalizada. A investigação foi procedida a partir das ações desenvolvidas por meio da biblioteca itinerante do (HUJB), em Cajazeiras PB, através do Projeto de extensão universitária intitulado “Integração ensino-serviço na humanização do cuidado às crianças e adolescentes hospitalizados”. Os objetivos específicos foram: investigar as possibilidades de desenvolvimento cognitivo da criança que se encontra em processo de hospitalização; identificar práticas educativas possíveis de serem desenvolvidas a partir da biblioteca itinerante; apontar as especificidades do trabalho pedagógico no contexto hospitalar. Quanto ao percurso metodológico este iniciou-se por meio de um levantamento bibliográfico, sendo que a etapa seguinte ocorreu por meio de um estudo de caso no hospital universitário. Os sujeitos participantes desta pesquisa foram algumas das crianças atendidas no HUJB (durante as vigências do Projeto de extensão nos anos de 2016 e 2017). A abordagem foi do tipo qualitativa. No que concerne aos resultados esta pesquisa mostrou que a leitura enquanto prática pedagógica no contexto hospitalar proporcionou às crianças atendidas contribuições ao seu desenvolvimento cognitivo. De maneira intencional foram explorados os três (literal, interpretativo e crítico), assim, as crianças tiveram a oportunidade de ouvir, de falar, de questionar; manusear livros, imagens, objetos e cartazes. E assim, foi possível desenvolver múltiplas habilidades nas crianças que ali se encontravam, tais como: atenção, concentração, memória, oralidade, percepção visual, percepção auditiva, desinibição, enriquecimento do vocabulário, etc. Desse modo, foi possível assegurar que o ato de ler, realizado no contexto hospitalar, com a mediação do pedagogo, contribuiu no desenvolvimento de habilidades, tais como: analisar, refletir, imaginar, criar, interpretar, compreender.

**Palavras-chave:** Leitura. Biblioteca Itinerante. Criança Hospitalizada.



## ABSTRACT

The object of study of this research is the practice of reading in the hospital context. This course conclusion work was guided by the following question: how can the pedagogical work developed by reading from the traveling library at HUJB contribute to the development of hospitalized children and adolescents? This research had as general objective to investigate the contributions of the reading to the hospitalized child. The research was based on the actions developed through the traveling library of the Júlio Bandeira University Hospital (HUJB), in Cajazeiras PB, through the University Extension Project entitled "Teaching-service integration in the humanization of care for hospitalized children and adolescents." The specific objectives were: to reflect on the possibilities of cognitive development of the child who is in the process of hospitalization; identify educational practices that may be developed from the traveling library; know the specificities of the pedagogical work in the hospital context. As for the methodological course, this was started by means of a bibliographical survey, and the next stage occurred through a case study in the university hospital. The subjects participating in this research were some of the children attended at the HUJB (during the duration of the Extension Project in the years 2016 and 2017). The approach was qualitative. Regarding the results, this research showed that reading as a pedagogical practice in the hospital context provided children with contributions to their cognitive development. The three levels of reading were intentionally explored (literal, interpretive and critical), so children had the opportunity to listen, to speak, to question; handle books, pictures, objects and posters. And so, it was possible to develop multiple abilities in the children that were there, such as: attention, concentration, memory, orality, visual perception, auditory perception, disinhibition, enrichment of vocabulary, etc. In this way, it is possible to ensure that the act of reading, carried out in the hospital context, through the mediation of the pedagogue, contributed to the development of skills, such as: analyzing, reflecting, imagining, creating, interpreting and understanding.

**Keywords:** Reading. Traveling Library. Hospitalized child.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Biblioteca Itinerante.....	26
Figura 2: Entrada do HU.....	30
Figura 3: Recepção do HU.....	30
Figura 4: Material confeccionado em E.V.A. para realização da atividade.....	36
Figura 5: Realização da atividade.....	36
Figura 6: Dado confeccionado em caixa com papéis coloridos.....	37
Figura 7: Carrinho pronto para iniciara atividade com o dado.....	37
Figura 8: Comemoração do dia das crianças.....	40
Figura 9: Iniciando as atividades.....	40
Figura 10: Livro sensorial.....	40
Figura 11: Atividade da pescaria.....	42
Figura 12: Atividade das frutas com as letras embaralhadas.....	45
Figura 13: Atividade das frutas para reconhecimento das letras iniciais.....	45
Figura 14: Comemoração do Natal.....	47
Figura 15: Carrinho pronto para dar início a atividade .....	47

## LISTA DE SIGLAS

<b>ANVISA</b>	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
<b>APAMIC</b>	Associação de Proteção a Assistência a Maternidade e Infância de Cajazeiras
<b>CFP</b>	Centro de Formação de Professores
<b>CNE</b>	Conselho Nacional de Educação
<b>CONANDA</b>	Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente.
<b>CP</b>	Curso de Pedagogia
<b>HUJB</b>	Hospital Universitário Júlio Bandeira
<b>IJB</b>	Instituto Materno Infantil Dr. Júlio Maria Bandeira de Mello
<b>LDBEN</b>	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>ONGs</b>	Organização Não Governamental
<b>PB</b>	Paraíba
<b>PNH</b>	Plano Nacional de Humanização
<b>PROBEX</b>	Programa de Bolsa de Extensão
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>UFCG</b>	Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>LEITURA.....</b>	<b>16</b>
	2.1 Conceitos de leitura.....	17
	2.2 Níveis de leitura.....	18
<b>3</b>	<b>A PRÁTICA DA LEITURA NO CONTEXTO HOSPITALAR.....</b>	<b>21</b>
<b>4</b>	<b>A BIBLIOTECA ITINERANTE DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JÚLIO BANDEIRA.....</b>	<b>26</b>
<b>5</b>	<b>PERCURSO METODOLÓGICO.....</b>	<b>30</b>
<b>6</b>	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA BIBLIOTECA ITINERANTE DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JÚLIO BANDEIRA EM CAJAZEIRAS PB .....</b>	<b>34</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>49</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>52</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho está centrado na prática da leitura no contexto hospitalar, tendo como objeto de estudo as práticas pedagógicas desenvolvidas na biblioteca itinerante do Hospital Universitário Júlio Bandeira (HUJB). Convém ressaltar que apesar de ser uma prática pouca realizada nesse contexto, nos últimos anos vem se ampliando em virtude da legislação que assegura à criança e ao adolescente hospitalizado o direito à educação independente do ambiente em que se encontram. É o que foi determinado no ano de 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) em seu Capítulo V, Artigo 58, § 2º, sendo estabelecido que

O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. (BRASIL, 1996)

Em decorrência desses avanços legais que vem sendo conquistados no decorrer dos últimos anos o profissional pedagogo está atuando com mais frequência em espaços não escolares e um destes espaços é o hospital. O que preconiza a Resolução CNE/CP 01/2006 em seu Art. 5º, Inciso IV o qual incube tal profissional a

[...] trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo. (BRASIL, 2006)

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar as contribuições da leitura para a criança hospitalizada. Os objetivos específicos foram: refletir acerca das possibilidades de desenvolvimento cognitivo da criança que se encontra em processo de hospitalização; identificar práticas educativas possíveis de serem desenvolvidas a partir da biblioteca itinerante; conhecer as especificidades do trabalho pedagógico no contexto hospitalar.

O interesse pela temática foi despertado após ter ingressado na Universidade no curso de Pedagogia no Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), após cursar a disciplina denominada *Sociedade Contemporânea e Pedagogia*, em que possibilitou ampliar a visão com relação a área de atuação do Pedagogo, tendo o conhecimento de que o curso não se restringe apenas

ao âmbito escolar, mas também possibilita a atuação desse profissional, inclusive na área da saúde, espaço no qual deseja atuar.

Além disso, a minha participação, na condição de extensionista voluntária, no Projeto de Extensão Universitária durante duas vigências consecutivas do Programa de Bolsa de Extensão (PROBEX) 2016 e 2017 no Projeto intitulado: “Integração ensino-serviço na humanização do cuidado às crianças e adolescentes hospitalizados” contribuiu de forma significativa para a escolha e aprofundamento da temática.

Convém registrar que a educação exerce um papel relevante na vida do indivíduo, principalmente com as exigências da atualidade, no entanto há situações em que o processo de aprendizagem acaba sendo interrompido mesmo que de forma temporária, o que acarreta prejuízos no desenvolvimento cognitivo da criança. Nessa perspectiva a Resolução nº 41/1995, do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), no seu Item 9, preconiza o “Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar”. (BRASIL,1995)

Ainda como aparato legal a Resolução do Conselho Nacional de Educação, CNE/CB n.2/2001, nela instituída as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica vem ratificar o direito da criança e do adolescente a educação em seu Art. 13 o qual estabelece que

Os sistemas de ensino, mediante ação integrada com os sistemas de saúde, devem organizar o atendimento educacional especializado a alunos impossibilitados de frequentar as aulas em razão de tratamento de saúde que implique internação hospitalar, atendimento ambulatorial ou permanência prolongada em domicílio. (BRASIL, 2001)

As dificuldades e necessidades enfrentadas pelas crianças no contexto hospitalar, no que diz respeito a possíveis interferências no processo de aprendizagem pela sua permanência nesse local, seja por um período mais longo ou por retornos constantes, são notórias. Nessa perspectiva, este trabalho foi norteado pelo seguinte questionamento: como o trabalho pedagógico desenvolvido com a leitura a partir da biblioteca itinerante do HUJB pode contribuir com o desenvolvimento de crianças e adolescentes hospitalizados?

Quanto ao percurso metodológico este iniciou-se por meio de um levantamento bibliográfico. A etapa seguinte um estudo de caso da biblioteca itinerante do Hospital Universitário. Os sujeitos participantes desta pesquisa foram 30 das crianças atendidas

(no pronto atendimento) ou que se encontravam internadas no HUJB (durante as vigências do Projeto de extensão universitária nos anos de 2016 e 2017). A abordagem foi do tipo qualitativa.

Quanto à estrutura, este trabalho organiza-se conforme descrito a seguir.

O primeiro capítulo intitulado: Leitura aborda algumas considerações e o ponto de vista de diferentes autores sobre os conceitos de leitura e os níveis de leitura.

O segundo capítulo intitulado: a prática educativa da leitura no contexto hospitalar, aborda algumas considerações pertinentes ao profissional pedagogo relacionadas a forma de desenvolvimento das atividades no contexto hospitalar.

O terceiro capítulo é apresentado o percurso metodológico: objetivos, tipo de pesquisa, *locus*, sujeitos da pesquisa e instrumentos utilizados para a coleta de dados.

O quarto capítulo intitulado descrição e análise da prática da leitura com a criança hospitalizada aponta o registro da prática educativa desenvolvida no HUJB e a análise da referida prática.

Por fim, são apresentadas as considerações acerca dos achados da pesquisa.

## 2 LEITURA

A leitura é concebida por muitos, sobretudo, na forma de textos escritos. No entanto, o ato de ler é algo muito mais abrangente que inclui o significado social. No amplo processo que é a leitura faz-se necessário considerar que desde o nascimento, adentramos nas mais variadas formas de comunicação, e que tal processo é desenvolvido durante toda a vida do indivíduo, possibilitando assim seu ingresso na sociedade letrada, ocorrendo de modo formal ou informal, na escola ou fora dela, que por meio das interações e de acordo com o contexto no qual se encontram inseridos. Dessa forma, a leitura é uma prática indispensável para todos os indivíduos, pois é a partir dela que a pessoa se constitui enquanto cidadão capaz de identificar e questionar seus direitos e deveres com maior autoridade.

O ato de ler relaciona-se diretamente com a percepção e atribuição de significados de forma contextualizada, ou seja, no que essa prática pode influenciar a vida de uma pessoa, tanto em aspectos intelectuais ou emocionais, bem como, no que diz respeito às dimensões culturais, econômicas, políticas e sociais. Então, é algo que pode ser considerado de modo subjetivo, visto que cada leitor compreende e interpreta de forma distinta, relacionando a leitura formal com as experiências culturais advindas das relações sociais. E, também, como algo objetivo, visto que a leitura da palavra escrita é um ato concreto e seus impactos na vida da pessoa também são concretos, perceptíveis em seu cotidiano.

Dessa forma, a leitura deve ser proporcionada em seu sentido amplo, tendo em vista que, pode impactar profundamente a vida do ser humano, visto que, deve ser considerada essencialmente como necessidade social, abrangendo de forma significativa os sentidos que lhe são inerentes, desenvolvendo habilidades nos indivíduos a partir da contribuição de um mediador, para que assim adquiram o hábito de ler de forma dinâmica sem que haja uma obrigatoriedade para tal prática, promovendo assim a integralidade social do sujeito.

### 2.1 Conceitos de leitura

A leitura não se restringe apenas a decodificação da escrita, mas deve ser entendida em seu sentido amplo “[...] o ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1992, p. 11). Além da compreensão dos signos



também proporciona ao indivíduo um melhor entendimento do contexto no qual se encontra inserido, possibilitando interações mais significativas com as mais diversas áreas do convívio social, tais como: na relação com a sociedade, com a família, no trabalho, na política, e, além disso, no âmbito econômico e cultural. É através dela que somos capazes de modificar ideias anteriormente construídas, podendo assim, serem reconstruídas.

Para entendermos o conceito de leitura faz-se necessário admitir que o ato de ler nos empodera e nos capacita para nos apropriarmos de forma dinâmica de novas informações e ampliar nossa visão de mundo, principalmente quando relacionamos as vivências cotidianas com o saber formal, sendo assim,

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1992, p. 11).

Sabendo que a prática da leitura nos proporciona uma ampla percepção, tanto intelectuais, quanto de mundo, pelo fato de ser considerada uma atividade básica na formação cultural do ser humano. Martins (1982, p.29) assinala que

Temos, então, mais um motivo para ampliar a noção de leitura. Vista num sentido amplo, independente do contexto escolar, e para além do texto escrito, permite compreender e valorizar melhor cada passo do aprendizado das coisas, cada experiência. Incorpora-se, assim, ao cotidiano de muitos, o que geralmente fica limitado a uma parcela mínima da sociedade: ao âmbito dos gabinetes ou salas de aula e bibliotecas, a momentos de lazer ou de busca de informação especializada. Enfim, essa perspectiva para o ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas.

Nessa perspectiva, o indivíduo é capaz de compreender o mundo ao seu redor não se restringindo apenas a leitura da palavra escrita, mas através do contato individual ou da interação com o coletivo, na intenção de atribuir significados a tudo que o rodeia, já que estes são elementos fundamentais no processo de comunicação, pois a partir dessa prática a criança cria, usando a imaginação, a fantasia. Tal processo é melhor conduzido quando se conta com o auxílio de um mediador que proporcione de forma significativa e intencional tal interação.

## 2.2 Níveis de leitura

O aprendizado da leitura perpassa por diferentes níveis, e ao pedagogo é relevante conhecer como se dá o processo de leitura. Tal processo, de acordo com Candemarin e Blonnquist (*apud* DIAS, 2001, p. 40-41) dá-se por meio de cinco etapas do desenvolvimento da linguagem, a saber:

A aquisição do significado social, nessa etapa a criança associa um significado a determinada coisa a partir dos que ela presencia na convivência com o outro, atribuindo assim, no decorrer do tempo, sentido às suas funções específicas. Isso pode ser ratificado fazendo um paralelo com a visão de Piaget (1987) sobre a concepção de conhecimento, em que é entendido como a organização, estruturação e explicação do mundo em que vivemos a partir do vivido ou experienciado. Para o autor, o conhecimento é produzido a partir da ação do sujeito sobre o meio em que vive, sendo constituído por meio da experiência, permitindo atribuir significação que é o resultado da possibilidade de assimilação. Conhecer significa, a capacidade de relacionar determinado objeto, a partir de ações executadas sobre este.

Dessa forma, o profissional pedagogo tendo esse conhecimento, pode intervir de forma intencional, oferecendo estímulos pedagógicos, com o intuito de proporcionar o desenvolvimento cognitivo do sujeito aprendente. No caso da criança hospitalizada, um exemplo desses estímulos pedagógicos pode ser a contação de história, pois permite a construção de múltiplos significados a partir do que lhe fora apresentado (imagens, sons, objetos, entre outros).

A segunda etapa relaciona-se a compreensão da palavra falada, nessa etapa a criança sendo conhecedora da função social de determinada coisa, começa a sentir necessidade de nomeá-la, mesmo já tendo o contato com a palavra pelo fato de ouvir as pessoas a sua volta falando. É nesse momento que irá iniciar as associações da palavra falada com a imagem propriamente dita, sendo assim, para que reconheça posteriormente algum objeto, não necessariamente tal objeto precisará estar em contato direto para que seja possível lhe atribuir um nome.

No caso da criança hospitalizada o pedagogo, intencionalmente, pode apresentar um texto que contenha tanto a palavra escrita quanto a imagem, o que favorece o processo de associação da figura com a respectiva palavra. Nesta fase, de acordo com Piaget (1987), a criança se encontra no período pré-operatório, que é dominado pela

representação simbólica em que a criança é capaz de, em vez de agir diretamente sobre os objetos, age mentalmente sobre sua imagem. Isso pode ser vivenciado pela criança com a mediação do pedagogo. Podem ser criadas situações imaginárias que envolvam palavras do universo da criança (pessoa, animal, brinquedo, alimento, entre outras.) na intenção de aguçar os sentidos possibilitando uma aprendizagem dinâmica e significativa.

A terceira etapa refere-se à expressão da palavra em que mesmo a criança tendo domínio no que diz respeito ao significado do objeto, bem como a compreensão da palavra, ela ainda permanece limitada em relação aos sons utilizados pelos adultos para caracterizar tal objeto, porém no decorrer do tempo, a fala da criança vai se assemelhando a dos adultos por meio das imitações. Nesse caso, no contexto hospitalar, o pedagogo pode ler para a criança com o intuito de auxiliar na ampliação do repertório linguístico dos sujeitos aprendentes.

A quarta etapa diz respeito a compreensão da palavra impressa, ou seja, o processo de leitura, em que a criança tem oportunidade de visualizar, interpretar e compreender a palavra, sendo essa utilizada rotineiramente no meio social no qual está inserida, facilitando a apropriação espontânea de tal palavra. Assim como na etapa anterior, a criança adapta-se lentamente a esse processo. Nesse caso, no âmbito hospitalar, a função do educador é oferecer um conhecimento além do que a criança já detém, portanto aqui já pode ocorrer associações com o código escrito, fazendo perguntas a respeito do reconhecimento das letras, das sílabas, das palavras. A partir da leitura oferecida para a criança poderá fazer tais perguntas e oportunizar mais informações inerentes ao código escrito.

A quinta e última etapa está relacionada com a expressão da palavra impressa, isto é, o processo de escrita. Nesse momento como a criança tem um domínio sobre as fases anteriores, consegue representar o que foi falado por meio da escrita. Nesse caso, o pedagogo precisa ter domínio teórico acerca da Psicogênese da Língua Escrita para a partir da leitura trabalhada realizar atividades de escrita que auxiliem a criança no reconhecimento das palavras presentes no texto lido. Dessa forma, o pedagogo que atua em contexto hospitalar contribui no processo de desenvolvimento integral da criança e, de modo específico, em seu processo de escolarização.

Do ponto de vista da mediação docente que o pedagogo deve realizar, é preciso que este profissional considere os três níveis de leitura, os quais são apontados por Dias (2001 p. 49-50). São eles: o nível literal, o interpretativo e o crítico. O primeiro está

relacionado com a leitura da palavra propriamente dita, ou seja, a decodificação da palavra; o segundo, refere-se a compreensão do texto, e conseqüentemente, a capacidade de fazer uma análise interpretativa deduzida a partir da ideia do autor; o terceiro diz respeito ao leitor emitir sua opinião acerca do que foi lido, devendo ser considerada seja qual for a opinião, porque trata-se de ideias pessoais, portanto, subjetivas.

A partir dessa compreensão é que podemos direcionar o ato pedagógico de forma intencional, com o intuito de desenvolver as habilidades e potencialidades das crianças, ou seja, o pedagogo hospitalar precisa ter a compreensão de seu papel na contribuição do desenvolvimento integral da criança, mesmo quando esta esteja num contexto hospitalar. Ciente disto, poderá, intencionalmente, pensar, definir, escolher e selecionar situações pedagógicas de leitura que favoreçam a imaginação, a criatividade, a autoestima, a argumentação, a expressão oral, a expressão de emoções e, também, a aquisição do domínio do código escrito, entre outras múltiplas habilidades.

### 3 A PRÁTICA DA LEITURA NO CONTEXTO HOSPITALAR

A consolidação da prática educativa no contexto hospitalar é algo que vem se ampliando gradativamente em função de uma nova mentalidade acerca desse direito das crianças e, também, pelo fato de estar amparada legalmente. A Lei n.º 4.191-b, de 2004 em seu § 1º, assegura que:

O atendimento pedagógico educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida, seja na circunstância do atendimento em hospital-dia ou hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (BRASIL, 2004, p. 2).

Nessa perspectiva, a criança e o adolescente que se encontra em processo de hospitalização têm o direito de vivenciar experiências pedagógicas para que desse modo possam dar continuidade ao processo de desenvolvimento cognitivo e social o qual seria naturalmente proporcionado no âmbito escolar.

É relevante destacar que o processo de desenvolvimento cognitivo da criança pode ser cada vez mais aperfeiçoado com o auxílio de um mediador. Convém registrar que o pedagogo é o profissional academicamente qualificado para avaliar o desempenho cognitivo do aluno e propor práticas educativas significativas. Este processo de avaliação do desempenho cognitivo da criança é mais adequado quando o profissional considera a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP):

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1991, p. 97).

Ou seja, quando a criança consegue resolver determinado problema de forma individual esta encontra-se em seu nível inicial de descobertas e de novas aprendizagens, sendo que, com a contribuição do outro, considerado um mediador, por meio de estratégias e habilidades, desenvolvidas a partir de conhecimentos científicos, podem ajudar a desenvolver as potencialidades referentes as habilidades da criança.

Vygotsky (1991) considera a criança como um ser em desenvolvimento constante, sendo o seu processo de aprendizagem influenciado pelas vivências cotidianas, tendo por base o contexto no qual está inserida. Para o autor supracitado

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (VYGOTSKY, 1991, p. 24).

É relevante ressaltar que a criança desenvolve capacidades inerentes ao seu comportamento social, a partir do contato com práticas socializadoras, as quais se constituem a partir das observações e das experiências com os outros. No entanto, “é necessário diagnosticar o estado no qual ela se encontra a fim de compreender como ela interpreta os sinais que lhe transmitimos a fim de identificar as intervenções que levarão ao estado desejado” (DEHAENE, 2012, p. 250).

No caso da Pedagogia Hospitalar, esta representa um meio eficaz de oferecer à criança, de modo intencional, experiências pedagógicas que lhe permita ampliar sua capacidade de pensar, imaginar, criar, sonhar, enfim, ler o mundo. De acordo com Dehaene (2012, p. 250):

[...] o cérebro de nossas crianças é uma formidável pequena máquina de aprender. Cada dia passado na escola modifica um número vertiginoso de sinapses. Preferências balançam, estratégias novas emergem, automatismos se estabelecem, redes novas se falam. Estou persuadido de que, compreendendo melhor essas transformações, os professores chegarão a conceber, com a ajuda de psicólogos, novas estratégias eficazes para cada aluno. Claro, a pedagogia jamais será uma ciência exata. Contudo, entre a infinidade de formas de alimentar um cérebro com palavras, algumas são bem melhores do que outras. Cabe a cada professor experimentar com zelo e rigor a fim de identificar, dia após dia, os estímulos ótimos com os quais se alimentarão os alunos.

O pedagogo sendo conhecedor dessa informação de que a criança é capaz de apreender novas informações constantemente, de maneira rápida e intensa, conseqüentemente, este profissional deve possibilitar a aprendizagem em qualquer espaço em que a criança se encontre, inclusive no contexto hospitalar. Sabendo que a cada experiência a criança é capaz de constituir novas sinapses, o pedagogo de modo propositivo deve criar situações diferenciadas para que a criança continue evoluindo gradativamente em seu processo de desenvolvimento cognitivo.

A partir da situação anteriormente mencionada, o educador que é por excelência um mediador da aprendizagem deve propiciar múltiplas experiências que favoreçam a ampliação do universo vocabular da criança a qual pode ocorrer através de: textos

escritos, textos orais, imagens, músicas, pinturas, jogos, entre outros, com o intuito de manter o processo das sinapses. Tal processo pode ser enriquecido, transformado a partir das experiências vivenciadas pela criança e, isso, garante a continuidade do desenvolvimento cognitivo e aprimoramento da atividade cerebral da criança, mesmo quando está no contexto hospitalar.

Portanto, a partir de um texto selecionado para se trabalhar com as crianças o pedagogo pode criar várias possibilidades a fim de alimentar o cérebro da criança, pois no decorrer da leitura podem aparecer diversas palavras que talvez sejam desconhecidas no universo vocabular da criança e, a partir disso, apresentar o significado das respectivas palavras comparando-as com outras de mesmo significado. A criança pode se deparar com palavras desconhecidas do seu convívio social e o educador deve intervir fazendo associações que lhe permita fazer a diferenciação. Pode-se, também, trabalhar com qualquer aspecto gramatical, como por exemplo, os verbos que surgirem no decorrer da leitura proporcionando a aprendizagem para as crianças em relação a conjugação desses verbos.

Ante ao exposto, podemos evidenciar que a partir de uma prática direcionada e intencional o pedagogo pode e deve trabalhar todos esses aspectos sempre tendo por base o nível em que a criança está e, gradualmente, possibilitando avanços. Levando em consideração que é possível promover, em alguns casos, à aquisição do código escrito, o reconhecimento das letras, a formação de sílabas, a formação de palavras e, por conseguinte, a construção frases e textos.

Além disso, fazer com que a criança apreenda o significado do enunciado ali empregado, com o intuito de instigá-la a constituir opiniões sobre o conteúdo lido, além de, fazê-la raciocinar, que seria o mais importante. Segundo Claret (2013, p. 12) "A leitura é algo importante para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer e acrescentar nosso vocabulário, obter conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação." Dessa forma, o pedagogo no âmbito hospitalar pode se deparar com casos peculiares, devendo estar consciente da flexibilidade curricular que o ambiente exige, por outros termos, deve ter capacidade de adaptar as atividades adequando-as sempre de acordo com a faixa etária e o nível de aprendizagem que a criança se encontra, com o intuito de promover seu avanço para o nível seguinte, fazendo com que evolua cognitivamente.

O educador deve estar atento para auxiliar o educando a compreender as mensagens que se encontram implícitas no contexto, inerente ao objeto de leitura. Isso

porque o ato de refletir, inferir, ir além do escrito traz muitos benefícios cognitivos para os sujeitos aprendentes. Quanto mais diferenciadas forem as situações criadas pelo pedagogo (contar histórias, ler para a criança, mostrar imagens, fazer perguntas, desenhar, pintar, etc.) mais significativas serão as possibilidades de desenvolvimento cognitivo das crianças.

O desenvolvimento da oralidade também deve fazer parte dos objetivos da prática educativa no contexto hospitalar. A oralidade é uma dimensão crucial no desenvolvimento da linguagem da criança. E, neste contexto não escolar é possível desenvolver a oralidade, mesmo quando o pedagogo se depara com situações adversas em que a criança apresente timidez ou indisposição para estudo. A que se considerar também, que algumas vezes (no pronto atendimento) o pedagogo vai ter contato com a criança uma única vez e, pode ser que algumas crianças se mostrem inibidas e se recusem a falar, no entanto, após uma conversa prévia de maneira informal, é possível desconstruir a timidez no que se refere ao ato de ler em público e/ou em voz alta.

As experiências com a leitura, sejam elas curtas ou prolongadas, promovem desenvolvimento na criança que vai ampliando gradativamente seu repertório linguístico, desenvolvendo a capacidade de relatar acontecimentos presentes nos textos, memoriza situações descritas na leitura, aprende a defender pontos de vista, formular perguntas, argumentar e alimenta a criatividade.

As práticas de leituras, realizadas em qualquer contexto, permitem aos sujeitos aprendentes irem fazendo a distinção entre o texto falado e o escrito. Permite ainda entender que podemos falar de uma determinada forma dependendo do contexto que nos encontramos, adequando-se às situações, mas que na produção devemos escrever de forma coerente de acordo com as regras estabelecidas pela norma culta.

Desse modo, é pertinente que múltiplas práticas educativas sejam propiciadas às crianças, isso porque nosso cérebro é capaz de armazenar diversas informações concomitantemente. Conforme explicitado por Dahaene (2012) através dos neurônios, pelo processo denominado de sinapses, são transmitidas as informações que percorrem todo o cérebro e, que uma vez armazenadas na memória possibilitam compreensão de toda e qualquer informação. Conforme Izquierdo (2014, p. 12)

“Memória” significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizado ou aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi *aprendido*. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só



*lembramos* aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido. (grifos do autor)

No caso da criança em processo de internação, ocorre de certa forma uma interrupção em sua vida escolar e, as práticas educativas não podem ser vivenciadas na escola regular, devido ao afastamento pelo fato da necessidade de hospitalização, devendo ser dada continuidade e estimulado os processos de aprendizagem noutros ambientes, inclusive, no hospital. É imperativo ressaltar que a criança é um sujeito que tem o direito de continuar seu desenvolvimento integral e o pedagogo é o profissional que dispõe de formação para realizar este feito, mesmo considerando as condições adversas.

Estar em um espaço hospitalar não é agradável para ninguém (pacientes ou acompanhantes), sobretudo, para crianças que estão em um ambiente desconhecido, estando fragilizadas e sendo submetidas na maioria das vezes a procedimentos que causam dor. Estando, em algumas situações, impossibilitadas de brincar, além disso, ausentes de seu ambiente social e familiar, das atividades do dia a dia e da vida escolar que são tão relevantes nesta fase da vida. Segundo Souza (2011, p. 254)

É necessário considerar as condições adversas pelas quais passam essas crianças e jovens. Eles enfrentam várias situações completamente diferentes das que vivenciam quando gozam de plena saúde. Isso porque, além da debilidade física, se encontram em um ambiente estranho com uma rotina desconhecida, distantes da família, dos amigos; estão limitados em sua independência e ainda são submetidos a procedimentos dolorosos, muitas vezes invasivos, que os deixam inseguros, com medo em relação à vida e ao futuro.

Portanto, nesse contexto é imprescindível que o pedagogo perceba a multiplicidade de ações educativas que podem ser realizadas com o objetivo de manter o desenvolvimento cognitivo da criança. Pois a cada situação vivida e a cada palavra nova que é apresentada resultam novas conexões cerebrais e, conseqüentemente, será apreendida e internalizada pela criança de modo absolutamente individualizado (varia de criança para criança).

Sendo assim, faz-se necessário efetivar a prática educativa no hospital para alcançar outro universo - o pedagógico - além dos procedimentos médicos, os quais estão submetidos habitualmente nesse espaço, transformando-o, de certa forma, num espaço voltado ao universo da criança e do adolescente, concebendo-os enquanto seres em sua totalidade, não se restringindo apenas a criança doente e incapaz.

#### 4 A BIBLIOTECA ITINERANTE DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JÚLIO BANDEIRA

O desenvolvimento de atividades com biblioteca itinerante é uma prática presente em vários ambientes. Um espaço no qual tal prática educativa tem se destacado é o âmbito hospitalar. De acordo com Nascimento (2009, p. 66)

A itinerância de bibliotecas tem sido uma das soluções encontradas para levar leitura e conhecimento à população, [...]. Como um agente facilitador sua atuação engloba a formação de leitores através da circulação de livros entre a comunidade, além disso, intenta valorizar o livro como propulsor de novos aprendizados.

A biblioteca itinerante do HUJB começou a funcionar em outubro de 2015. Os livros que compõem a biblioteca foram oriundos de doações, em virtude de uma campanha realizada com o intuito de adquiri-los. Além do Projeto extensão já mencionado, outros dois Projetos fazem uso desse material disponível na biblioteca.

**Figura 1** - Biblioteca Itinerante do HUJB



**Fonte:** Fotografia retirada pela Pesquisadora (2017)

Valorizar o livro como ferramenta de múltiplas aprendizagens foi o propósito do trabalho desenvolvido no Hospital Universitário Júlio Bandeira (HUJB), durante a vigência do Projeto de extensão universitária *“Integração ensino-serviço na humanização do cuidado às crianças e adolescentes hospitalizados”*. A duração do Projeto foi de 16 meses, de forma alternada, o qual se realizou no período de maio a

dezembro do ano de 2016 e maio a dezembro de 2017. As ações com caráter pedagógico eram semanais, com duração de duas horas diárias. Foi possível vivenciar atividades diversificadas, trabalhando diferentes formas de leitura. Tal ação extensionista foi realizada em consonância com a filosofia do HUJB de proporcionar um serviço humanizado aos usuários. Neste contexto, a Pedagogia contribuiu ao levar a prática da leitura para o hospital. Sobre o ato de ler Zilberman (2005, p.65) assinala que:

[...] um bom livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros, então um bom livro vai interessar para qualquer criança, estando doentes ou não.

Desse modo, diversos livros podem ser favoráveis no trabalho com as crianças hospitalizadas. Leituras para desenvolver a imaginação, criatividade ou mesmo ludicidade. Também podem ser incluídas (e foram incluídas) leituras em diferentes portadores sociais de textos (folders, cartazes, panfleto informativo, entre outros). de assuntos relacionados a prevenção de doenças e tratamentos. Estes recursos pedagógicos são recomendados para que oportunamente se realize uma leitura informativa e preventiva, pois as enfermidades, sintomas e tratamentos são elementos que estão fazendo parte do cotidiano da criança e do adolescente.

Geralmente, a prática da leitura, da contação de histórias e a interação com as ilustrações são capazes de aliviar a tensão e o estresse causado pelo processo de hospitalização. O ato de ler cumpre sempre uma dupla função, pois funciona como lazer e, concomitantemente, serve também como suporte para o aprendizado. Desse modo, a leitura é sempre recomendada porque efetivamente contribui para o desenvolvimento integral da criança.

Entretanto, o trabalho no contexto hospitalar tem algumas especificidades próprias deste ambiente. O que requer e exige um cuidado especial diante do trabalho com os livros e outros materiais pedagógicos utilizados neste ambiente, considerado como um risco de agravos à saúde. Um dos fatores considerado indispensável para o manuseio de forma correta dos referidos livros, era a questão da higienização. Esta era uma exigência rigorosa do hospital. Obviamente por se tratar de um ambiente de saúde e, especialmente, por estar atento a proteção da criança e do adolescente hospitalizado. Sendo assim, tínhamos sempre o cuidado de solicitar que antes da criança pegar no livro fizesse o uso nas mãos do álcool a 70% em gel e logo depois do contato com o livro também. Esta higienização é importante, isso porque:

As mãos constituem a principal via de transmissão de microrganismos, pois a pele é um possível reservatório de diversos microrganismos, que podem se transferir de uma superfície para outra, por meio de contato direto (pele com pele), ou indireto, através do contato com objetos e superfícies contaminados (ANVISA, 2007, p. 11).

Portanto, a experiência com o atendimento ao escolar no contexto hospitalar nos permite então, ter clareza de que devemos ter o cuidado redobrado, em relação a higienização dos materiais utilizados. Estes, podem ser propulsores de novas doenças advindas da infecção hospitalar, acarretando assim, prejuízos para a saúde da criança. A ausência de tais precauções pode levar "a transferência física de microrganismos epidemiologicamente importantes para um hospedeiro susceptível (ANVISA, 2000, p. 39).

É a partir do contato direto ou indireto com determinados objetos que ocorre a transmissão de microrganismo que propagam e disseminam doenças constantemente, através das denominadas infecções cruzadas. Portanto, o pedagogo ao trabalhar no contexto hospitalar é preciso atentar em relação a desinfecção correta tanto das mãos quanto dos objetos, a fim de evitar tal propagação.

Outro ponto relevante a ser considerado diz respeito ao atendimento pedagógico feito direto à criança. Algumas vezes a criança está impossibilitada de manusear os objetos, com movimentos limitados, principalmente, quando está tomando soro, por exemplo. Tal situação dificulta o contato direto com o livro e, conseqüentemente, uma interrupção na escrita, por esse motivo é preciso ter paciência, e muita criatividade para chamar sua atenção devendo ainda serem feitas algumas adaptações para a conclusão da atividade. O pedagogo deve estar apto a escolher sempre a melhor opção para atender a criança hospitalizada, em alguns casos, se dispõdo a realizar a leitura de forma compartilhada, evitando de certa forma o constrangimento por parte da criança em se sentir incapaz de realizar a atividade proposta.

Contudo, é conveniente evitar a imposição de algum tipo de leitura à criança ou adolescente. Ou seja, em alguns momentos é necessária a oferta de diversos livros, deixando a critério deles a escolha, pois essa liberdade de escolha é imprescindível, ou seja, é necessário que os próprios pacientes escolham qual o livro querem ler ou que seja lido, para que assim desperte um interesse maior pela história. E, acima de tudo, se faz necessário que se respeite o momento de cada paciente, pois, há momentos e casos

que eles podem não estar com vontade de ouvir histórias, pelo fato da indisposição devido estar acometido pela doença, então uma conversa precedente ao início da leitura é sempre adequada e pertinente a ocasião. Matos e Mugiatti (2012, p.101) destacam que:

A assistência pedagógica, na hospitalização, sugere uma ação educativa que se adapta às manifestações de cada criança/adolescente, em diferentes circunstâncias, nos enfoques didáticos, metodológicos, lúdicos e pessoais. Nesse sentido, ela apresenta, em todos os momentos, um alto grau de flexibilidade e adaptabilidade às estruturas.

Portanto, o profissional deve desempenhar seu papel neste ambiente com muita profissionalismo, competência e ética, superando os desafios e, acima de tudo, respeitando as limitações das crianças e adolescentes, em virtude do estado de saúde com o qual está se deparando, buscando sempre estimulá-los de acordos com suas possibilidades, inovando sempre com o intuito de despertar um interesse prazeroso pela leitura, a qual pode ser realizada em todo e qualquer contexto. No entanto, de acordo com Matos e Mugiatti (2012, p.104-105) devemos atentar para o que realmente nos compete, isso porque:

A Pedagogia Hospitalar busca modificar situações e atitudes junto ao enfermo, as quais não podem ser confundidas com o atendimento à sua enfermidade. Além disso, deve haver um cuidado especial no desenvolvimento das atividades, a fim de que não venha interferir no processo terapêutico da equipe de saúde. Este tem como objetivo, o efetivo envolvimento do doente, na busca de uma modificação no ambiente em que está envolvido.

Desta forma, o trabalho desenvolvido no hospital a partir da biblioteca itinerante como recurso pedagógico motivador e a partir do engajamento profissional incentiva cada vez mais a leitura nesse contexto, sendo este processo mediado pelo pedagogo, tendo livro como objeto de mediação do contato direto, gerando assim um vínculo afetivo, possibilitando uma maior aproximação com o universo da leitura e até mesmo com os demais pacientes, ressignificando este universo considerado, por muitos, como adverso. Sendo assim, a criança necessita na verdade, gostar e se interessar pela leitura, não devendo ser vista e entendida de forma obrigatória e para que isso ocorra, o pedagogo, deve mediar de forma intencional o processo de leitura a fim de obter resultados significativos.

## 5 PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa em tela teve como objetivo investigar as contribuições da leitura para a criança hospitalizada, levando em considerando a multiplicidade de práticas pedagógicas, com o olhar diferenciado e intencional do pedagogo, as quais podem ser desenvolvidas além do âmbito escolar.

O *locus* desta investigação foi o Hospital Universitário Júlio Bandeira (HUIB) em Cajazeiras PB.

**Figura 2** - Entrada do HUIB



**Fonte:** Fotografia retirada pela Pesquisadora (2017)

**Figura 3** - Recepção do HUIB



**Fonte:** Fotografia retirada pela Pesquisadora (2017)

O HUIB presta serviços de saúde na área de pediatria, com um pronto atendimento na urgência, emergência e internação. O referido hospital pertenceu por vários anos a Associação de Proteção a Assistência a Maternidade e Infância de Cajazeiras (APAMIC). Posteriormente, a Prefeitura Municipal de Cajazeiras PB passou a gerir o Instituto Materno Infantil Dr. Júlio Maria Bandeira de Mello (IJM). No ano de 2011 o hospital foi doado para a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), sendo recebido oficialmente pelo Conselho Curador da UFCG, em julho de 2012. (NASCIMENTO, 2013).

Quanto ao tipo de pesquisa optamos pelo estudo de caso, pelo fato de estarmos participando de um Projeto de extensão universitária na referida Unidade Hospitalar intitulado: “*Integração ensino-serviço na humanização do cuidado às crianças e adolescentes hospitalizados*”, vinculado ao Programa de Bolsa de Extensão (PROBEX 2016/2017), no qual atuávamos como extensionista voluntária. O Projeto supracitado teve

como principal objetivo a humanização no ambiente hospitalar, além disso, teve a finalidade de integrar usuários e os demais membros componentes da instituição. Sobretudo, tivemos a oportunidade de desenvolver práticas educativas, com as crianças e adolescentes que ali se encontravam, sendo iniciadas no mês de maio e finalizadas em dezembro, no decorrer de duas vigências consecutivas, nos anos de 2016 e 2017.

Durante esse período vinculada ao Projeto foi possível desenvolver um estudo aprofundado acerca da contribuição da leitura para a criança hospitalizada e o papel do pedagogo no ambiente hospitalar. Em função do aprofundamento do estudo, este, pode ser considerado como estudo de caso. Como aponta Gil (2008, p.57) este tipo de pesquisa:

É uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biomédicas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos de pesquisa.

Quanto a abordagem, esta configura-se como qualitativa, pois teve no decorrer do processo de sistematização uma análise consistente da realidade investigada, para que o objeto de estudo fosse melhor compreendido. Para Gerhardt e Silveira (2009, p.32):

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos buscam explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de fatos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e se valem de diferentes abordagens.

Levando em consideração tais aspectos desse tipo de abordagem, buscamos evidenciar na pesquisa supracitada as contribuições da leitura para o desenvolvimento cognitivo da criança e do adolescente hospitalizados ou em atendimento à saúde. Quanto a análise dos dados, esta pautou-se por uma análise de conteúdo a qual segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 84) "é uma técnica de pesquisa e, como tal, tem determinadas características metodológicas: objetividade, sistematização e inferência."

Vale ressaltar que simultaneamente a experiência do Projeto de extensão universitária no HUIB foi realizada um levantamento bibliográfico, a fim de obter uma familiaridade e aprofundamento com o objeto de estudo. Buscamos então, aporte teórico nos seguintes autores: Dias (2001) que discorre sobre os níveis de leitura; Matos e Mugiatti (2012) que abordam a Pedagogia Hospitalar; Vygotsky (1991) que enfatiza o processo cognitivo da criança; Dehaene (2012) que explica de acordo com a

ciência a nossa capacidade de ler, entre outros. O contato com tais obras é relevante para que o pesquisador se aprofunde e aprimore amplamente o tema em destaque a partir de conhecimentos constatados cientificamente. Sendo assim, Gerhardt e Silveira (2009, p. 69) assinala que:

**Pesquisa bibliográfica** - Considerada mãe de toda pesquisa, fundamenta-se em fontes bibliográficas; ou seja, os dados são obtidos a partir de fontes escritas, portanto, de uma modalidade específica de documentos, que são obras escritas, impressas em editoras, comercializadas em livrarias e classificadas em bibliotecas. (grifos do autor)

Neste levantamento bibliográfico realizou-se, ainda uma busca em sites da web. Na pesquisa online foram consultados 12 artigos referentes à temática estudada. Além disso, a fim de aprimorar a temática estudada foram acessados 5 vídeo aulas e 4 palestras. Foi também a partir da pesquisa na internet que consultamos os seguintes documentos: Declaração dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizado; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; Política Nacional de Humanização.

Os sujeitos participantes desta pesquisa foram 30 crianças e adolescentes atendidas no HUJB (durante as vigências do Projeto nos anos de 2016 e 2017). Cabe registrar que o atendimento mais amplo foi realizado com as crianças hospitalizadas, entretanto, era objetivo do Projeto de extensão atender também as crianças do pronto atendimento, ou seja, aquelas que buscavam o hospital para consultas. Os plantões pedagógicos aconteciam semanalmente, com duração de duas horas, cada plantão.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados da pesquisa utilizamos a observação participante e o registro em diário de campo. Para Oliveira (2014, p.81)

Na observação participante, o pesquisador (a) deve interagir com o contexto pesquisado, ou seja, deve estabelecer uma relação direta com grupos ou pessoas, acompanhando-os em situações informais ou formais e interrogando-os sobre os atos e seus significados por meio de um constante diálogo. Essa participação pode ser mais intensa quando o pesquisador (a) é parte integrante do grupo pesquisado [...]

Desta forma, nos anos de 2016 e 2017, mantivemos um vínculo direto com as crianças e adolescentes em decorrência da atuação no Projeto de extensão universitária realizado no HUJB, no qual desenvolvemos múltiplas atividades, em consonância com o tema proposto pela coordenação do Projeto para ser trabalhado durante a semana. Desse modo, tínhamos um vínculo constante com os sujeitos e com o objeto pesquisado.



Utilizamos ainda de forma complementar na coleta de dados o diário de campo. Para Bogdan e Biklen (apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.76). "É o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da coleta de dados" Por meio deste instrumento, foi possível fazer anotações das vivências metodológicas no Projeto, registrar as informações referentes ao desenvolvimento das atividades e a construção de novos conhecimentos com as crianças e adolescentes hospitalizados. Como reagiam as crianças ou adolescentes internados com a realização da prática educativa. Tais informações foram necessárias à compreensão e análise do objeto de estudo. Além das observações do diário de campo o registro fotográfico também foi utilizado como ferramenta de coleta de informações.

## **6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA BIBLIOTECA ITINERANTE DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO JÚLIO BANDEIRA EM CAJAZEIRAS PB**

O trabalho pedagógico no hospital partiu do pressuposto de que a leitura, está para além da decodificação das letras. Uma prática, sobretudo, voltada para a dimensão social. Foram vivenciadas práticas leitoras nas quais utilizou-se textos verbais e não verbais como uma ação que almejou contribuir com o processo de desenvolvimento cognitivo das crianças atendidas no HUJB, em situação de internação e, também, no espaço de acolhimento (as que foram apenas para realização de consultas). Passamos a relatar algumas das situações de leitura vivenciadas no contexto hospitalar.

Em uma das intervenções pedagógicas deparamo-nos com uma criança de sete anos de idade, cursando o 2º ano, a qual nos recebeu com muita empolgação. Nos aproximamos dela com os livros e iniciamos um diálogo perguntando se já sabia ler e se gostava de praticar tal ato. Respondeu-nos de modo bem espontâneo que sim, e, a seguir iniciou a leitura confirmando realmente que tinha o domínio do código escrito. Na perspectiva de desenvolver os níveis *interpretativo* e *crítico* de leitura fizemos questionamentos relacionados às informações contidas no livro.

Esta criança retornou ao hospital na semana subsequente, em virtude de agravamento do seu estado clínico, ficando mais uma vez afastada das suas atividades escolares rotineiras. Esse afastamento da criança da escola prejudica seu processo de aprendizagem. Situações dessa natureza ratificam a relevância das práticas educativas no contexto hospitalar, para garantir o direito da criança à aprendizagem.

Nesse mesmo dia, foi desenvolvida outra atividade com uma criança de cinco anos de idade, cursando o pré II. Para esta, foi entregue imagens, procurando sempre manter o diálogo com a criança em relação a imagem. A seguir trabalhamos contação de história a partir da imagem trabalhada. Nesse momento foi nítida a mudança de humor da criança a qual demonstrou alegria com a atividade. Ficando evidente que a Pedagogia Hospitalar contribui para melhorar o estado emocional da criança hospitalizada.

Em outro momento das intervenções pedagógicas nos deparamos com mais um caso que consideramos como especial. Ao nos dirigir para a criança indagamos se gostava de ler. Respondeu: mais ou menos, deixando transparecer claramente sua tristeza e um notável desânimo. Neste dia decidimos trabalhar exclusivamente com esta

criança, a qual tinha dez anos de idade, estava matriculada cursando o 5º ano do ensino fundamental, entretanto, apresentava evidentes dificuldades de leitura. A mãe relatou múltiplos problemas familiares, segundo ela, tais acontecimentos contribuíam para o desinteresse pelo estudo. Neste caso em particular, cabe pontuar que existem especificidades inerentes ao trabalho do pedagogo hospitalar, que precisam ser consideradas.

Este profissional precisa ter, ao mesmo tempo, sensibilidade e ética profissional ao lidar com situações inerentes à vida da criança, mas que não compete ao pedagogo intervir. Cabe também registrar que esta é uma situação muito frequente, pois na escuta pedagógica é com a mãe ou acompanhante que o pedagogo, muitas vezes, obtém informações sobre a criança, e nestes diálogos é inevitável comentários que vão além das informações necessárias ao trabalho pedagógico. É necessário muito profissionalismo por parte do pedagogo para inserir-se no diálogo sem emitir opiniões sobre a vida pessoal da criança. O trabalho do pedagogo hospitalar, quando realizado em hospital infantil, destina-se a oferecer subsídios que favoreçam o desenvolvimento integral da criança, na dimensão emocional, cognitiva, social, afetiva, etc.

Continuamos o diálogo com a criança e com o intuito de lhe proporcionar alegria e bem-estar propomos a leitura de uns livros de histórias curtas. Houve inicialmente certa resistência por parte dele, talvez por timidez em função da dificuldade que apresentava. No entanto, após alguns minutos de conversa resolveu acatar a ideia. Foi gratificante ao extremo porque ao concluir o plantão pedagógico percebemos que o esforço em motivá-lo não foi em vão, obtivemos êxito. Ao terminar as atividades que estávamos mediando ele pediu para que deixássemos alguns livros para que pudesse ler posteriormente. Foi muito gratificante ouvi-lo dizer que tinha gostado bastante dos livros e da leitura que realizamos e, sobretudo, chegou inclusive a comentar sobre seu retorno à vida escolar. A vivência desta experiência nos permitiu entender que a leitura além do seu caráter pedagógico-didático propicia, também, trabalhar a dimensão emocional dos pacientes.

Nesta situação vivenciada foi possível observar que no "[...] processo de leitura, não estamos desamparados, temos condições de fazer algumas coisas sozinhos e necessitamos de alguma orientação [...]". (MARTINS, 2006, p.12). Sendo assim, mesmo a criança tendo certo domínio do código escrito, seu nível de leitura pode ser potencializado com o auxílio de um mediador capacitado para desenvolver tal função. Dentre muitos outros, este é um elemento que justifica a presença de um pedagogo no

contexto hospitalar. A competência didático-pedagógica faz diferença no tipo de serviço que é oferecido à criança e isso terá influências sobre seu desenvolvimento cognitivo.

Noutro momento, realizamos uma atividade, cujo tema era alimentação saudável. Utilizamos como recurso metodológico dois corações confeccionados com cartolina e os alimentos em EVA, isso porque estávamos comemorando a semana do coração. Também havia imagens de diferentes alimentos, os quais faziam parte da rotina alimentar das crianças. Na atividade, um coração era denominado de “coração alegre” e o outro caracterizado como “coração triste”. A atividade consistia na correlação entre os corações e os alimentos saudáveis e não saudáveis. Desenvolvemos a atividade com uma criança de oito anos de idade, que estava matriculada e cursando o 3º ano do ensino fundamental. O objetivo foi alcançado, pois a criança relacionou corretamente todos os alimentos aos seus respectivos corações. Entretanto, apresentava limitações em relação à leitura do código escrito, apresentava dificuldade de ler o nome dos alimentos.

**Figura 4** - Material confeccionado em EVA para realização da atividade



**Fonte:** Fotografia retirada pela pesquisadora (2017)

**Figura 5** - Realização da atividade



**Fonte:** Fotografia retirada pela pesquisadora (2017)

Em seguida realizamos a mesma atividade com uma criança de quatro anos de idade, cursando o Pré I, esta ainda não reconhecia as letras. Porém, apresentou um bom desenvolvimento na atividade proposta, conseguiu fazer a associação de quase todos os

alimentos aos corações correspondentes. Concomitantemente, trabalhávamos as quantidades de cada alimento e as cores. E a criança reconheceu quase tudo. Num terceiro momento desenvolvemos a atividade com outra criança com a mesma idade e diferentemente da anterior, esta reconhecia todas as letras sem apresentar nenhuma dificuldade, relacionou corretamente todos os alimentos, reconhecendo cada um deles e sempre justificando o motivo da escolha para cada coração, mencionando também suas respectivas quantidades e cores. Observa-se então, mais uma vez a necessidade de um profissional que tenha domínio didático-pedagógico para saber intervir de modo competente de acordo com o nível de aprendizagem no qual a criança se encontra. Fazemos esse registro porque a presença do pedagogo nos hospitais infantis é uma necessidade, é um direito da criança, está assegurado na legislação, mas em muitas Unidades Hospitalares, ainda não é uma realidade.

Na semana seguinte trabalhamos o mesmo tema de forma diferenciada. Utilizamos como recurso metodológico um dado, contendo imagens de frutas e letras alternadas. Para as crianças eram entregues corações de papéis para que escrevessem o nome da fruta que aparecesse ao jogar o dado ou o nome de qualquer fruta, a critério delas, a partir da letra inicial que aparecesse no dado. Com o intuito de demonstrar os alimentos que contribuem para a saúde desse órgão essencial para a existência humana.

**Figura 6** - Dado confeccionado em em caixa com papéis coloridos



**Fonte:** Fotografia retirada pela pesquisadora (2017)

**Figura 7** - Carrinho pronto para iniciar a atividade com o dado



**Fonte:** Fotografia retirada pela pesquisadora (2017)

A primeira criança com a qual trabalhamos neste dia, encontrava-se cursando o 2º ano do ensino fundamental, tinha 7 anos de idade. Inicialmente perguntamos se ele

gostava de ir à escola, respondeu que sim mesmo sendo distante da sua casa. Também indagamos se tinha interesse em desenvolver a atividade conosco, ele respondeu que sim. Utilizamos então um dado contendo desenhos de frutas e letras alternadas. O objetivo da atividade era o reconhecimento, pela criança, das frutas. E, também, a leitura e escrita de algumas palavras.

Ao jogar o dado pela primeira vez, apareceu o desenho da maçã e ao questionarmos se gostava desta fruta, respondeu que sim, mas que tinha comido poucas vezes porque sua mãe não tinha dinheiro para comprar. Solicitamos então, para que nos dissesse o nome da fruta e, em seguida, escrevesse dentro do coraçãozinho, começou soletrando a palavra e escreveu pedindo nossa ajuda e ao perguntarmos a quantidade de sílabas, respondeu contando nos dedos acompanhando o som que saía da boca. Pedimos que jogasse novamente e a fruta da vez foi a banana, mais uma vez pediu nossa colaboração, conseguindo soletrar, mas com dificuldade na hora da escrita, trabalhamos mais uma vez a separação silábica, perguntando quantos pedaços continha a palavra, respondendo da mesma forma da anterior. Fizemos isso com todas as frutas que apareciam. E quando eram as letras que apareciam no dado pedíamos para que escolhesse uma fruta que iniciasse com a letra e escrevesse dentro do coração e realizasse a leitura, no entanto, apresentava certa dificuldade, o que mostra o quão importante é a presença do pedagogo que disponha de conhecimentos sobre a Psicogênese da Língua escrita para auxiliar adequadamente na superação das dificuldades inerentes ao domínio do código escrito.

Num segundo momento deparamo-nos com um adolescente cursando o 7º ano, com 14 anos de idade, apresentando dificuldade de concentração. Inicialmente perguntamos se gostava de frequentar a escola, respondeu rapidamente que mais ou menos, afirmando não gostar da disciplina de Língua Portuguesa tampouco do professor que ministrava a aula, mas que adorava Matemática. Utilizamos o mesmo dado com o adolescente de forma diferenciada da criança anterior, considerando que se encontrava em um grau de aprendizagem mais elevado que a criança anteriormente atendida. Referente aos alimentos que fazem bem para a saúde do coração, pedimos que ele jogasse o dado e em seguida formasse frases com todas as frutas que aparecessem, ou no caso de aparecer a letra escolhesse uma fruta ao seu critério que iniciasse com a letra que surgisse, e construísse uma frase com o nome escolhido.

A partir da construção das frases foi possível perceber uma grande dificuldade apresentada pelo adolescente em relação a acentuação das palavras, pois nunca colocava

o acento agudo na letra 'E' deixando-a sempre com som de I, dessa forma procuramos lembrar todos os sinais de acentuação e seus respectivos nome. É sempre pertinente lembrar que o processo de escolarização tem por objetivo central a aquisição do saber formal, do saber sistematizado, o qual contribuirá nos processos formais aos quais a criança e o adolescente vai passar ao longo de sua vida.

Uma especificidade deste adolescente é que ele escrevia conforme falava, por exemplo: minha- mia, família- família, inteira- intera, etc. Aproveitamos as palavras as quais não estavam escritas conforme a norma culta para revermos a sílaba tônica. E quando perguntamos qual a sílaba tônica da palavra família e qual o seu nome de acordo com a posição em que se encontrava na palavra, nos respondeu dizendo que havia visto o assunto no 5º ano e que não lembrava mais. Dessa forma, relembamos o assunto abordado, enfatizando sua respectiva denominação de acordo com a posição ocupada na palavra. Sendo elas: oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas. E, sobretudo reforçamos que o aprendizado que ocorreu numa serie anterior não é para ser deixado lá, mas sim continuar acompanhando nas séries seguintes até porque tudo vai se complementando progressivamente.

Atividades dessa natureza mostra o diferencial e a profissionalidade do pedagogo ao trabalhar a interdisciplinaridade no contexto hospitalar. Nesta atividade o assunto abordado são os cuidados com o coração e a alimentação saudável, entretanto, por ter o domínio da Psicogênese da Língua escrita a pedagoga explora essa dimensão no decorrer da atividade. Essa intencionalidade na prática educativa contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança. Cabe destacar que o conhecimento acerca de métodos de ensino adequado para facilitar o entendimento do código escrito, por parte da criança, é uma atribuição do pedagogo. Ações dessa natureza justificam que o trabalho da prática educativa feita pelo pedagogo não se restringe a recreação para melhorar o estado emocional da criança, mas trata-se de vivenciar situações de aprendizagem que contribua para ampliar conhecimentos linguísticos que a criança traz consigo. De acordo com Dehaene (2012, p. 228):

O vírus que é a leitura nos é inculcado pela via visual, mas sua influência se estende muito rapidamente ao conjunto das áreas da linguagem, onde ele multiplica nossas competências espontâneas. Quando aprendem a ler, nossas crianças retornam literalmente transformadas da escola: seu cérebro não é mais o mesmo.

Outro momento das intervenções foi destinado a comemoração do dia das crianças. Inicialmente nos caracterizamos com o intuito de tornar o ambiente mais atrativo para os sujeitos que ali se encontravam. Realizamos algumas atividades lúdicas, tais como: contação de histórias, atividades utilizando dado, balões, desenhos, pinturas, jogo da memória, caixa mágica, fantoches, entre outros. Isso porque de acordo com Soares (2017, p.86,-87):

A criança brinca não só com brinquedos ou objetos externos a si, que facilitam a brincadeira. Ela brinca com a linguagem, com o corpo, com a imaginação, dá vida a objetos inanimados, modifica a função dos objetos ou dos lugares de acordo de acordo com sua necessidade, assume papéis de personagens que lhe são familiares, enfim, é um ser essencialmente brincante.

Convém destacar que a brincadeira é a principal atividade da criança e que tanto a brincadeira pedagogicamente orientada quanto a brincadeira livre proporcionam desenvolvimento na criança.

**Figura 8** - Comemoração do dia das crianças



**Fonte:** Fotografia retirada pela pesquisadora (2007)

**Figura 9** – iniciando as atividades



**Fonte:** Fotografia retirada pela pesquisadora (2007)

Na continuidade da ação pedagógica trabalhamos com o livro sensorial com duas crianças de idades distintas, uma com sete anos de idade, cursando o 2º ano e a outra com cinco anos de idade, cursando o pré II, sendo que a primeira em relação a segunda apresentava um maior grau de dificuldade na realização das atividades. Também teve entrega de brindes: garrafas, lápis e balões coloridos. As atividades



foram desenvolvidas desde a sala de acolhimento até os leitos com o objetivo de proporcionar alegria às crianças ali presentes

**Figura 10** – Livro sensorial



**Fonte:** Fotografia retirada pela pesquisadora (2017)

É interessante ressaltar que se tratava de um público diverso, pois cada criança encontrava-se numa determinada faixa etária, com nível de escolaridade diferenciado, e sobretudo, com um quadro clínico também diferenciado. Dessa forma "é importante entender que a cada encontro, poderá não ser a mesma criança deixada na sessão anterior, não só fisicamente diferente, mas psicologicamente distinta" (SOARES, 2017, p.93). Destacamos aqui uma especificidade da Pedagogia Hospitalar.

É relevante ao pedagogo estar atento a essa diversidade, pois isso tem uma relação direta com a escolha das metodologias que serão desenvolvidas no hospital. Trata-se de um agir pedagógico flexível. Entretanto, necessita ser planejado, com escolhas e decisões que precisam ser tomadas antes do contato direto com o público que será atendido. No caso da prática da leitura no contexto hospitalar faz-se necessário ao pedagogo selecionar materiais de leitura que atenda essa diversidade de sujeitos e de níveis de escolaridade. Também merece atenção a escolha das temáticas a serem abordadas que deverão contemplar o universo infantil permitindo-lhe a fantasia, a descontração, a imaginação, entre outros, e, na medida do possível, temáticas que contemplem uma leitura com caráter mais informativo, como foi o caso das leituras feitas durante a comemoração da semana do coração no HUIB.

Também foi comemorado o novembro dourado, levando em consideração que é o mês da comemoração mundial da prevenção do câncer infantil. E mais uma vez nos caracterizamos na intenção de tratar o tema de forma dinâmica e lúdica, rompendo com o paradigma construído pela sociedade de encarar de forma tão severa determinadas doenças. Construímos cartazes referentes ao tema, visitamos três crianças que lá se encontravam com seus respectivos responsáveis. Abordamos o assunto de acordo com o que estava exposto nos cartazes. Exploramos as imagens e os textos escritos, explicamos os principais sinais e sintomas da referida doença.

Noutro plantão pedagógico utilizamos livros de histórias diversificadas que constavam na biblioteca itinerante do HUJB. Ao chegar em um dos leitos encontramos uma criança com cinco anos de idade, cursando o pré II. Sugerimos que escolhesse um dos livros para realizar a leitura. A criança selecionou o que lhe chamou mais atenção, um dos mais coloridos e que continha mais imagens do que letras, ficando encantada com as imagens e recontava a história de acordo com as imagens visualizadas isso porque apresentava pouco domínio do código escrito. De acordo com Soares (2010, p.24):

A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias, que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e sua função, essa criança é ainda analfabeta. Porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma letrada.

Então, a partir do momento que a criança entra em contato com determinado material, sendo capaz de atribuir um significado, já pode ser considerada letrada ou seja, quando começa fazer associações dos conceitos, relacionando o objeto ao seu respectivo significado. É função do pedagogo oportunizar momentos de leitura para a criança sempre mediando situações que a faça progredir em seu processo de letramento. Cabe destacar que o domínio teórico-metodológico do pedagogo acerca do desenvolvimento da linguagem infantil faz toda diferença na condução e nos resultados deste processo.

Em outro plantão pedagógico trabalhamos com o livro sensorial, principalmente pelo fato de nesse dia haver uma predominância de crianças de até três anos de idade. Optamos por utilizar este recurso pelo fato de ser algo mais chamativo e, portanto, interessante para o público do dia. Uma das crianças tinha apenas dois aninhos de idade e não se cansou de brincar com o livro. Uma das atividades existente nele fez com que despertasse mais ainda o interesse em permanecer com o livro, atividade essa

denominada de pescaria, onde continha vários peixinhos de cores distintas, ao final do nosso tempo de trabalho ela não queria largar o livro.

**Figura 11** - Atividade da pescaria



**Fonte:** Fotografia retirada pela pesquisadora (2017)

Noutro plantão pedagógico tratamos do tema relacionado à saúde bucal, com entrega de panfletos e, em seguida, explicações para as crianças e acompanhantes que ali se encontravam acerca do tema. Foram enfatizados os problemas que podem ser causados em decorrência da má higienização bucal. Além disso, entrega de atividades referentes ao tema em questão. A primeira criança abordada tinha 3 anos de idade, mas não frequentava creche até o momento, segundo a mãe, por questões de acesso, porém tinha incentivo em casa do pai que é professor. Isso ficou claro quando começamos explicando o assunto e mostramos a atividade. Entusiasmado começou apontando para as imagens e comentando que escovava os dentes e a forma como realizava a escovação.

Em seguida realizamos a atividade com outra criança de 4 anos de idade, cursando o Pré I, continuamos explicando sobre os cuidados com a higiene oral, que posteriormente nos explicou do seu jeito. A atividade proporcionou uma discussão acerca do assunto, foi possível trabalhar diversas coisas, pois a criança observou o tamanho do dente na atividade identificando que havia um grande e um pequeno, identificou os alimentos que faziam bem e os que faziam mal para a saúde dos dentes, nomeando todos eles. Foi possível trabalhar as quantidades, indagando quantos haviam

no geral, quantos faziam bem e quantos faziam mal, foi possível ainda, identificação de cores. Ao perguntar a criança, esta, distinguiu todas as cores e ao realizar a pintura percebemos o avanço progressivo da sua coordenação motora, além disso, leu fluentemente as vogais.

Ainda em relação a este atendimento, um fato que chamou atenção foi quando indagamos ao chegar o lanche da tarde, aproveitando a ocasião perguntamos se tinha o hábito de escovar os dentes após as refeições ela respondeu; sim, doutora. Então falamos: não somos doutora. E continuou perguntando, mas você é o que então? Respondi sou professora, mas continuaram os questionamentos, mas você fica no hospital? É sim, por quê? Porque minha professora fica na escola. Percebemos então desenvoltura na sua oralidade e na sua forma de se expressar. Dessa forma é relevante ressaltar que "cada criança é única... mas, quando se trata de aprender a ler, todas tem o mesmo cérebro que impõe os mesmos limites e a mesma sequência de aprendizagem" (DEHAENE, 2012, p.236).

Em outro momento trabalhamos com o tema nutrição, abordando a alimentação saudável e os benefícios para a saúde. Realizamos a leitura de um texto informativo para as crianças e adolescentes ali presentes e para seus acompanhantes e, em seguida, foi a realização da atividade relacionada ao tema.

A primeira criança com a qual interagimos tinha 8 anos de idade, cursando o 3º ano. Entregamos o texto para a realização da leitura e ao pedirmos para ler em voz alta ficou com receio de início, mas depois aceitou tranquilamente. Ao término da leitura pedimos para que expusesse seu entendimento acerca do texto lido, daí iniciou falando do que tratava o texto, afirmando que era uma receita de bolo, mencionando todos os ingredientes utilizados. Em seguida entregamos uma atividade contendo imagens de frutas regionais acrescidas de outras que não estão tão presentes no cotidiano. Junto as imagens também tinha as letras para formar as palavras (encontravam-se embaralhadas) e a criança deveria organizar de forma correta para formar a palavra. De acordo com Dehaene (2012, p.236) "a leitura paralela e rápida não é senão o resultado último, no leitor competente, de uma automatização dessas etapas de decomposição e recomposição".

Esta criança não teve dificuldades na formação da maioria das palavras, principalmente, as imagens que faziam parte da sua alimentação, no entanto, apresentou dificuldades na identificação de duas frutas, mesmo contendo as imagens, tentou organizar as letras, visualizou as imagens e não conseguia identificar, depois de várias

tentativas pediu nossa ajuda, e quando falamos que se tratava da palavra caqui e pêssego, nos olhou sorrindo e falou; mas eu nunca vi essas frutas. Então perguntamos, mas você já tinha escutado falar que existiam essas frutas? Respondeu que sim, mas reforçando que nunca tinha visto, então indagamos, mas a partir de hoje quando você vê essa fruta novamente, você vai lembrar do que se trata? e com um sorriso estampado no rosto, respondeu; agora sim! Dessa forma podemos perceber que as atividades realizadas foram significativas para o aprimoramento educacional da criança, sendo elaboradas e elencadas de forma intencional, com o intuito de ampliar o universo vocabular da criança, levando em consideração a temática abordada.

**Figura 12** - Atividade das frutas com as letras embaralhadas



Fonte: Fotografia retirada pela pesquisadora (2017)

No segundo momento encontramos uma criança com 4 anos de idade, cursando o nível III da Educação Infantil, com esta, realizamos uma atividade contendo imagens e letras misturadas, trabalhando a letra inicial de cada fruta. De início perguntamos se ele gostava de comer frutas e quais? Respondeu argumentando que era alérgico e que criança que era alérgica não podia comer frutas. Conforme esclarecido por sua mãe o

motivo era por não gostar e sua alergia na verdade era de amendoim, porém, a criança continuou insistindo no seu argumento.

**Figura 13** - Atividade das frutas para reconhecimento das letras iniciais



Fonte: Fotografia retirada pela pesquisadora (2017)

Em seguida perguntamos se sabia escrever seu nome e se reconhecia algumas letras. Respondeu que escrevia o nome, porém pediu para que escrevêssemos para que ele pudesse ver, assim como fazia na escola, olhando pelo crachá. Entretanto, pedimos que escrevesse como sabia e orientamos no que ele demonstrou dificuldade. Posteriormente, foi associando letras iniciais das frutas com as que também estavam presentes no seu nome. Toda a atividade feita com a mediação docente sempre instigando a reflexão da criança.

Essa mediação pedagógica qualificada distingue o trabalho realizado pelo pedagogo de qualquer outra pessoa (por exemplo, voluntários que trabalham com recreação no âmbito hospitalar) que possa vir realizar atividades de leitura com a criança, em qualquer ambiente, em especial no contexto hospitalar. Cabe destacar que o pedagogo é o profissional que dispõe de conhecimentos específicos adequados para trabalhar determinada atividade, com o intuito de promover o desenvolvimento cognitivo da criança.

No terceiro momento a interação foi com uma criança de 4 anos de idade, cursando o Pré I da Educação Infantil, a qual havíamos desenvolvido atividades na semana anterior. Esta criança teve uma permanência de 16 dias consecutivos no hospital, a mãe relatou o prejuízo no seu desenvolvimento escolar, em virtude do seu quadro clínico. Tivemos um pouco de dificuldade na realização da atividade, pois



tratava-se de uma criança muito tímida. Começou a interagir um pouco, apenas quando substituímos e adaptamos a forma de aplicação e execução da atividade, em que apresentamos uma variedade de tintas, para que ele pudesse pintar as frutas e legumes com a sua respectiva cor. Dessa forma, reagiu imediatamente pegando o pincel para realizar a pintura. No decorrer do desenvolvimento da atividade íamos perguntando o nome da fruta e qual a sua cor, sendo que conseguiu reconhecer quase todas as frutas, entretanto, apresentava dificuldades em relação as cores, o que é normal, levando em consideração sua faixa etária. Como assinala Wallon (2007, p. 198).

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais susceptível de desenvolvimento e de novidade.

Noutro plantão pedagógico, como estávamos finalizando as atividades do Projeto no ano de 2017 e, além disso, estava em clima natalino, abordamos o tema dando ênfase ao verdadeiro sentido do natal. Iniciamos a atividade perguntando para as crianças e adolescentes ali presentes o que representava o natal. Após a exposição da ideia deles trazíamos reflexões para ampliar sua percepção sempre conduzindo a discussão para a construção de um mundo mais humano e fraterno e que não se reduzisse ao consumismo tão propagado pela televisão.

**Figura 14** - Comemoração do Natal



**Fonte:** Fotografia retirada pela pesquisadora (2017)

**Figura15** - Carrinho pronto para dar início a atividade



**Fonte:** Fotografia retirada pela pesquisadora (2017)

Em seguida foram entregues cartões para que construíssem frases ou pequenos textos para alguém que considerassem especial na sua vida. Tal atividade tinha o propósito de fortalecer os vínculos afetivos. Levando em consideração que para Wallon (1975, p.45),

O nascimento da afetividade vem primeiro que a inteligência humana; e a criança, ao nascer, estabelece relações afetivas com adultos que a rodeia, e aprende com isso, isto é uma maneira de conhecer, descobrir o mundo físico, que permanece no seu psicológico, e mais a frente com a maturação, consegue interagir com esse mundo com maior naturalidade.

Iniciamos a atividade proposta com a primeira criança de 9 anos de idade, cursando o 4º ano do ensino fundamental, perguntando qual o significado do natal, logo em seguida respondeu que era tempo de ganhar presentes, de muita comida, bebida e de muita diversão. Após sua fala trouxemos mais alguns elementos para ampliar sua percepção. Dissemos que além de tudo que tinha falado o natal tinha também um sentido bem mais significativo e que a maioria das pessoas acabam não dando valor que é o fato de celebrar a vida, a união, a paz, a amizade, enfim, celebrar o amor.

Também nos deparamos com uma segunda criança de 7 anos de idade, cursando o 2º ano do ensino fundamental com a qual ficamos encantadas com suas respostas, pois ao questionarmos, respondeu que era comemorado o nascimento de Jesus, que era tempo de reunir toda família, tempo de amor, paz, harmonia, além disso tempo de presentes e, em seguida, fez o cartão dedicado à sua mãe que estava lhe acompanhando.

Conforme registrado foram vivenciadas muitas experiências no que concerne a leitura das mais diversas formas: leitura de imagens, de objetos, de palavras, de símbolos, de textos escritos e textos orais por meio da contação e recontação de histórias. Tudo isso foi realizado com o propósito de contribuir com o desenvolvimento cognitivo das crianças, como assinala Martins (2006, p.25)"[...] a leitura seria uma ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo." Ou seja, a leitura contribui para a inserção do indivíduo na sociedade letrada, alterando positivamente o seu jeito de ser e estar no mundo.



## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência no Projeto “*Integração ensino-serviço na humanização do cuidado às crianças e adolescentes hospitalizados*” evidenciou de forma efetiva a necessidade da atuação do pedagogo no espaço hospitalar, pois esse profissional pode contribuir para o desenvolvimento das crianças por meio da vivência de atividades pedagógicas, quer seja para as que se encontram em situação de internação quer seja para as que se encontram no espaço de acolhimento (as que frequentam apenas para realização de consultas).

As vivências registradas neste trabalho confirmam que a leitura enquanto prática pedagógica no contexto hospitalar proporciona às crianças atendidas contribuições ao seu desenvolvimento cognitivo. Na vigência do Projeto foi possível trabalhar com atividades objetivando desenvolver as múltiplas habilidades das crianças que ali se encontravam, tais como: atenção, concentração, memória, oralidade, percepção visual, percepção auditiva, desinibição, ampliação do vocabulário, entre outros. De modo intencional foram explorados os três níveis de leitura (literal, interpretativo e crítico), desse modo, as crianças tiveram a oportunidade de ouvir, de falar, de questionar; manusear livros, imagens, objetos e cartazes. Assim, é possível assegurar que o ato de ler, realizado no contexto hospitalar, com a mediação do pedagogo, contribuiu no desenvolvimento de habilidades, tais como: analisar, refletir, imaginar, criar, interpretar, compreender.

A vivência do Projeto mostrou que esta prática educativa em contexto não escolar contribuiu de forma significativa na interação das crianças com outras crianças, na interação da criança com o acompanhante, no diálogo da criança com a pedagoga, no diálogo da pedagoga com os acompanhantes. Também foi possível constatar alterações no humor, pois era perceptível a mudança da criança após desenvolvermos as atividades de leitura. Deixavam transparecer alegria após a realização das atividades, que lhes proporcionava bem-estar. De modo geral, demonstravam a sensação de realização após cumprirem as tarefas. Essas percepções identificadas no decorrer da realização das atividades nos permite assegurar que a Pedagogia Hospitalar contribui para a elevação da autoestima dos sujeitos. O lúdico de modo geral, e em particular, a prática da leitura no HUIB possibilitou melhorar o estado emocional das crianças atendidas nos plantões pedagógicos, ajudando-as a superarem sentimentos ruins causados pela internação, tais como: a ansiedade, o desânimo e as frustrações.

Este estudo vem reiterar a relevância do pedagogo no ambiente hospitalar, tendo em vista que este profissional dispõe de conhecimento didático-pedagógico para mediar situações de aprendizagem por meio de múltiplas atividades, dentre as quais, a prática da leitura. Utilizando metodologias pedagógicas adequadas às diferentes situações com as quais se depara, o pedagogo efetivamente, contribui com o desenvolvimento das crianças, inclusive com as que estão numa condição especial.

Dessa forma foi possível observar que o atendimento educacional, individual ou coletivo à criança hospitalizada, neste caso efetivado por meio da prática da leitura, colabora tanto para a promoção da aprendizagem quanto para o auxílio no processo de melhora e recuperação do quadro clínico. Contribuindo, assim, para a minimização dos efeitos negativos da enfermidade e hospitalização.

Portanto, nesse contexto é indispensável que o pedagogo amplie sua visão enquanto educador, compreendendo que seu papel não se restringe apenas ao de resgatar a escolaridade, mas, de modificar essas realidades, abrangendo assim, uma perspectiva integradora do desenvolvimento da criança, ou seja, uma concepção de prática pedagógica que leve em consideração o conceito de educação num sentido amplo.

Este trabalho nos proporcionou compreender que a partir de uma prática educativa intencional, que neste estudo evidenciou o trabalho pedagógico a partir da biblioteca itinerante, é possível promover uma aprendizagem significativa apesar da criança se encontrar no contexto hospitalar, posto que continua apta a desenvolver-se cognitivamente. Tal desenvolvimento pode ser mediado por meio das práticas educativas realizadas pelo pedagogo, de modo particular, a partir da leitura. Ratificando assim, a relevância do trabalho pedagógico no contexto hospitalar.

A realização deste trabalho ainda proporcionou uma oportunidade de crescimento tanto pessoal quanto profissional, além de proporcionar-me novos conhecimentos acerca da área de atuação do pedagogo e novas experiências no que diz respeito ao meu processo de formação docente. Possibilitou-me compreender que a prática educativa está muito além da escola, e que os benefícios da prática da leitura são imprescindíveis para o desenvolvimento cognitivo das crianças e adolescentes.

Esperamos com este trabalho contribuir para que os estudantes de Pedagogia ampliem seus conhecimentos acerca da Pedagogia Hospitalar e da multiplicidade de ações que podem ser desenvolvidas com as crianças hospitalizadas. Os conhecimentos aqui registrados também mostram os inúmeros benefícios propiciados pela leitura, além

de apontar especificidades nesta modalidade de trabalho as quais competem ao pedagogo desenvolvê-las. Desse modo, compete ao poder público cumprir a legislação e contratar pedagogo para os hospitais a fim de que as crianças possam ter o direito à educação conforme determina a legislação.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Agência Nacional De Vigilância Sanitária (ANVISA). **Higienização das mãos em serviços de saúde**. Brasília: 2007. Disponível em [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/higienizacao\\_maos.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/higienizacao_maos.pdf). Acesso em: 16 de novembro de 2017.
- BRASIL. Agência Nacional De Vigilância Sanitária (ANVISA). **Curso Básico de Controle de Infecção Hospitalar Caderno C: Métodos de Proteção Anti-Infecçiosa**. Brasília: 2000. Disponível em <http://www.cvs.saude.sp.gov.br/pdf/CIHCadernoC.pdf>. Acesso em: 07 de dezembro de 2017.
- BRASIL, Câmara dos Deputados. **Lei n.º 4.191-b**, de 2004. Disponível em: [http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra;jsessionid=5AC62ACC89E90206C2B2443827AA63C8.node2?codteor=536763&filename=Avulso+-PL+4191/2004](http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra;jsessionid=5AC62ACC89E90206C2B2443827AA63C8.node2?codteor=536763&filename=Avulso+-PL+4191/2004). Acesso em 20 de fevereiro de 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução **CNE/CP 01/2006**. Diário Oficial da União, Brasília, 16 de maio de 2006, Seção 1. p. 11. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01\\_06.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf). Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB n° 2** de 11 de setembro de 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei 9394/96**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em: 20 de fevereiro de 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. **Resolução n° 41** de outubro de 1995. Brasília, 1995. Disponível em: [http://www.mpdfp.mp.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Legislacao%20e%20Jurisprudencia/Res\\_41\\_95\\_Conanda.pdf](http://www.mpdfp.mp.br/portal/pdf/unidades/promotorias/pdij/Legislacao%20e%20Jurisprudencia/Res_41_95_Conanda.pdf). Acesso em 20 de fevereiro de 2017.
- BRASIL. **Política de Nacional de Humanização – PNH**. 1. ed. Brasília, 2013.
- CLARET, Fabiane Guilherme Rosa. **A importância da leitura nos anos iniciais do ensino fundamental I**. Especialização em educação: métodos e técnicas de ensino - Universidade Tecnológica Federal Do Paraná, medianeira, 2013. Disponível em [http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4465/1/md\\_edumte\\_2014\\_2\\_105.pdf](http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4465/1/md_edumte_2014_2_105.pdf). Acesso em 07 de dezembro de 2017.

CRUVINEL, F. R. **A leitura como prática cultural e o processo de escolarização**: as vozes das crianças. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012.

DIAS, Ana Iorio. **Ensino da linguagem no currículo**. Fortaleza: Brasil Tropical, 2001.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** – 49. ed. – São Paulo, Cortez, 1992.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, ANTONIO CARLOS. **Métodos e técnicas de pesquisa social** - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GUIA, Maria de. Projeto doses terapêuticas de palavras – biblioteca itinerante no HUOL. Natal, Rio Grande do Norte: 2013. Disponível em: <http://www.redehumanizaus.net/67034-projeto-doses-terapeuticas-de-palavras-bibliotecate-itinerante-no-huol> acesso em: 05/02/2018.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória** [recurso eletrônico]. – 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre : Artmed, 2014.e-PUB.

MATOS, Elizete Lúcia Moreira; MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar**: a humanização integrando educação e saúde. 7. ed.. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

NASCIMENTO, Maria Mônica Paulino do. **Memorial inserção do HUJB/UFCG na rede de hospitais universitários**, 2013.

NASCIMENTO, Melissa Eloá Silveira. **Bibliotecas itinerantes**: literatura como ferramenta pra o desenvolvimento de leitores. *Cadernos do CNLF*, Rio de Janeiro: CEFEFIL, v.12, n.10, 2009. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiicnlf/10/06.pdf>. Acesso em: 27 maio de 2017.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Editora Guanabara, 1987.

SOARES, Luisa de Marillac Ramos. **O lugar do brincar na Pedagogia Hospitalar**. in: *Pedagogia Hospitalar: múltiplos olhares e práticas*. Fortaleza: Imprece, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, A. M. A formação do pedagogo para o trabalho no contexto hospitalar: a experiência da Faculdade de Educação da UnB. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 17, n. 33, p. 251-272, maio/ago. 2011.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

\_\_\_\_\_. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.